



UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ
UNIVERSIDADE ABERTA DO BRASIL
NÚCLEO DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA
GRADUAÇÃO DE LICENCIATURA EM LETRAS PORTUGUÊS

NEAD
UESPI
NUCLEO DE EDUCACAO A DISTANCIA

ANA CLAUDIA ALVES LIMA

**A REPRESENTAÇÃO DO CONFLITO DA CRIANÇA NA MARCELO, MARMELO,
MARTELO E OUTRAS HISTÓRIAS, DE RUTH ROCHA**

CASTELO DO PIAUÍ
2024

L732 Lima, Ana Cláudia Alves.

A representação do conflito da criança em "Marcelo, marmelo, martelo e outras histórias", de Ruth Rocha / Ana Cláudia Alves Lima. - 2024.

37 f.

Monografia (graduação) - Universidade Estadual do Piauí-UESPI, Núcleo de Educação a Distância-NEAD, Licenciatura em Letras - Português, polo de Castelo do Piauí-PI, 2024.

Orientador: Heráclito Júlio Carvalho dos Santos.

1. Literatura Infantojuvenil. 2. Leitura Crítica. 3. Ruth Rocha. 4. Metodologias Ativas. 5. Ensino Fundamental. I. Santos, Heráclito Júlio Carvalho dos . II. Título.

CDD 801.95

ANA CLAUDIA ALVES LIMA

**A REPRESENTAÇÃO DO CONFLITO DA CRIANÇA NA MARCELO, MARMELO,
MARTELO E OUTRAS HISTÓRIAS, DE RUTH ROCHA**

Monografia apresentada ao curso de Licenciatura Plena em Letras Português, modalidade EaD, da Universidade Estadual do Piauí, como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciado em Letras Português.

Orientadora: Prof. Heráclito Carvalho

CASTELO DO PIAUÍ
2024

ANA CLAUDIA ALVES LIMA

**A REPRESENTAÇÃO DO CONFLITO DA CRIANÇA NA MARCELO, MARMELO,
MARTELO E OUTRAS HISTÓRIAS, DE RUTH ROCHA**

Monografia apresentada ao curso de Licenciatura Plena em Letras Português, modalidade EaD, da Universidade Estadual do Piauí, como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciado em Letras Português.

Orientadora: Prof. Heráclito Carvalho

Aprovada em: 18/01/2025.

BANCA EXAMINADORA

Documento assinado digitalmente

 HERACLITO JULIO CARVALHO DOS SANTOS
Data: 04/04/2025 21:02:52-0300
Verifique em <https://validar.itd.gov.br>

Prof. Heráclito Júlio Carvalho dos Santos– NEAD/UESPI

Presidente

Documento assinado digitalmente

 NATHANRILDO FRANCISCO DA CRUZ COSTA
Data: 16/03/2025 19:29:52-0300
Verifique em <https://validar.itd.gov.br>

Prof. Nathanrildo Francisco da Cruz Costa - UFPA

Primeiro Examinador

Documento assinado digitalmente

 MARCOS PAULO DE SOUSA ARAUJO
Data: 26/03/2025 17:22:59-0300
Verifique em <https://validar.itd.gov.br>

Prof. Marcos Paulo de Sousa Araújo – UFPI

Segundo Examinador

DEDICATÓRIA

Agradecer e reconhecer aqueles que nos sustentam em nossa jornada é um gesto de amor e gratidão, e é com o coração cheio de emoção que dedico este trabalho a Deus, à minha filha Isabelli Sophia, aos meus pais, Maximiano Alves dos Reis e Natalia Alves Lima, ao meu irmão José André Alves e às minhas irmãs, Nagyla Alves Lima e Ariane Soares Cavalcante, que representam os pilares mais sólidos da minha vida.

Primeiramente, dedico este trabalho a Deus, cuja presença constante é minha maior fonte de força, coragem e esperança. Sem Ele, nada seria possível. Em cada momento de dificuldade, senti Suas mãos me guiando, me amparando e me dando a certeza de que eu nunca estaria sozinha. Deus é o início e o fim de tudo, o farol que ilumina os caminhos mesmo nos dias mais escuros. A Ele, entrego minha vida e minhas conquistas, com a certeza de que é Ele quem me dá a graça de seguir em frente, superando desafios e alcançando sonhos.

À minha filha amada, Isabelli Sophia, dedico todo o meu amor, minha força e meus esforços. Você é o maior presente que Deus me deu, a razão pela qual eu luto incansavelmente todos os dias. Seu sorriso ilumina os meus dias e dá sentido a tudo o que faço. É por você, minha filha, que me dedico a ser uma pessoa melhor, que busco construir um futuro cheio de oportunidades e amor. Que este trabalho seja um exemplo de que, com fé, esforço e determinação, é possível alcançar grandes realizações.

RESUMO

Este estudo analisa o desenvolvimento do leitor pré-adolescente crítico por meio da literatura infantojuvenil, com foco no processo de leitura e escrita. A pesquisa destaca a obra Marcelo, Marmelo, Martelo e Outras Histórias, de Ruth Rocha, como um exemplo significativo no estímulo à reflexão sobre linguagem e comunicação. A obra foi escolhida por sua contribuição ao desenvolvimento da expressão e compreensão do mundo pelos estudantes do Ensino Fundamental. O estudo se justifica pela importância da leitura na formação crítica e emocional dos estudantes, propondo a análise de como a literatura pode ser um instrumento pedagógico eficaz, promovendo a construção da identidade e o desenvolvimento das habilidades cognitivas. A pesquisa utiliza a metodologia bibliográfica e a análise da obra, com a referência teórica de autores como Caldin (2003), Barros (2013), Fernandes (2007), Lima (2021), Silva (2016) e Santos (2009). Os resultados indicam que a obra de Ruth Rocha contribui para a formação de leitores críticos, sendo essencial no processo de aprendizagem. Além disso, a utilização de metodologias ativas no ensino da literatura mostra-se eficaz para o desenvolvimento integral dos estudantes.

Palavras-chave: Literatura infantojuvenil, leitura crítica, Ruth Rocha, metodologias ativas, Ensino Fundamental.

ABSTRACT

This study analyzes the development of the critical pre-adolescent reader through children's literature, focusing on the reading and writing process. The research highlights the work *Marcelo, Marmelo, Martelo e Outras Histórias* by Ruth Rocha as a significant example in stimulating reflection on language and communication. The book was chosen for its contribution to the development of students' expression and understanding of the world in elementary education. The study is justified by the importance of reading in the critical and emotional formation of students, proposing an analysis of how literature can be an effective pedagogical tool, promoting identity construction and the development of cognitive skills. The research uses a bibliographic methodology and the analysis of the work, with theoretical references from authors such as Caldin (2003), Barros (2013), Fernandes (2007), Lima (2021), Silva (2016), and Santos (2009). The results indicate that Ruth Rocha's work contributes to the formation of critical readers, being essential in the learning

process. Moreover, the use of active methodologies in teaching literature proves to be effective for the students' holistic development.

Keywords: Children's literature, critical reading, Ruth Rocha, active methodologies, Elementary Education.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	07
2 APONTAMENTOS HISTÓRICOS SOBRE O CONCEITO DE LITERATURA INFANTO-JUVENIL.....	10
2.1 Breve histórico da literatura infantil Brasil.....	10
2.2 Breve histórico da literatura juvenil no Brasil.....	12
2.3 A literatura infanto-juvenil contemporânea.....	14
3 LEITURA E ESCRITA NO PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM NO ENSINO FUNDAMENTAL.....	17
3.1 A formação do hábito de leitura enquanto uma atividade prazerosa.....	17
3.2 O papel do Professor no processo de mediação da leitura e escrita.....	20
3.3 A contribuição da leitura na construção da escrita e alfabetização de estudantes no Ensino Fundamental.....	22
4 MARCELO, MARMELO, MARTELO E SUA RELEVÂNCIA PEDAGÓGICA NO ENSINO FUNDAMENTAL.....	27
4.1 Resumo da obra.....	27
4.2 Interdisciplinaridade e Exploração Pedagógica da Obra.....	28
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	33
REFERÊNCIAS.....	34

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho se concentra na literatura infantojuvenil, visando analisar o desenvolvimento do leitor pré-adolescente crítico, com ênfase nos aspectos cognitivos e criativos envolvidos no processo de aprendizagem. A literatura é algo de fundamental importância na construção da identidade do sujeito, pois ela possibilita ao aluno o desenvolvimento de competências e habilidades primordiais na sua vida. Nesse sentido, *Marcelo, Marmelo e Martelo e outras histórias*, de Ruth Rocha, é um exemplo clássico que contribui para o desenvolvimento da leitura e escrita de maneira criativa e reflexiva. Por meio de suas narrativas, as crianças são incentivadas a explorar a linguagem, ampliando sua capacidade de expressão e compreensão do mundo ao seu redor. O livro, com seu estilo lúdico e seus personagens envolventes, oferece uma rica oportunidade para que o estudante se torne um leitor crítico, capaz de refletir sobre as situações e os valores presentes na sociedade.

Diante dessa relevância, o presente estudo versará a representação do conflito da criança na *Marcelo, Marmelo, Martelo e outras histórias*, de Ruth Rocha, onde através da análise dessa obra, entre outras, observa-se a relevância que a literatura possui no desenvolvimento de conhecimentos necessários para a formação de estudantes do Ensino Fundamental Anos Finais.

A presente pesquisa se justifica devido a sua grande contribuição na vida dos estudantes, professores e pesquisadores na atualidade, a leitura é um pilar primordial, e está presente nas escolas mediante livros entre outras manifestações literárias, fazer uma análise desse importante método é necessário, pois se acredita que esse recurso não deve ficar de lado durante o processo de ensino e aprendizagem, mas utilizado de forma contínua, através do uso de diversas metodologias ativas.

Diante destas questões, surge a seguinte problemática: Como a representação do conflito da criança na *Marcelo, Marmelo, Martelo e outras histórias* de Ruth Rocha pode contribuir no processo de formação literária e leitura de estudantes do Ensino Fundamental? Sabe-se que as obras literárias estão presentes desde os primeiros anos na vida de qualquer estudante, elas estão presentes porque além de desenvolver a imaginação, criatividade e o pensamento

crítico, elas possibilitam ao professor a construir caminhos para uma prática pedagógica eficaz.

O presente estudo pretende geral: apresentar a obra *Marcelo, Marmelo, Martelo* para estimular a leitura, a escrita e a reflexão sobre a linguagem e a comunicação. Entre os específicos: identificar a relevância da literatura infantojuvenil para a construção de competências e habilidades em estudantes do Ensino Fundamental, discutir a importância da literatura no processo de leitura e escrita dos alunos, e compreender o papel da literatura na construção de práticas pedagógicas eficazes em sala de aula.

A análise foi realizada para examinar os elementos constitutivos das obras, incluindo a capa, ilustrações e a disposição de imagem e texto, com vistas a identificar as contribuições que essas obras oferecem. A metodologia empregada inclui a pesquisa bibliográfica e a análise da obra literária *Marcelo, Marmelo e Martelo e outras obras* de Ruth Rocha. Na referida base de discussão teórica foram adotados como referências os autores: Caldin (2003), Barros (2013), Fernandes (2007), Lima (2021), Silva (2016), Santos (2009) entre outros. Segundo Lima (2021), o estudo bibliográfico dar embasamento teórico ao pesquisador, orientando e fundamentando as suas ideias colaborando para o entendimento dos métodos utilizados. Dessa forma, esse formato de pesquisa permite a ele a ter uma noção sobre os resultados que serão obtidos, pois a base teórica referencial busca organizar e manipular as ideias apresentadas.

O presente estudo é relevante por permitir a compreensão de como a literatura aborda os conflitos e questionamentos típicos da infância, promovendo reflexões sobre linguagem, identidade e convivência. Para estudantes do ensino fundamental, o estudo dessa obra reforça a importância da leitura como ferramenta de aprendizado e desenvolvimento social, além de valorizar a literatura como um meio de formação crítica e emocional, essencial na construção de cidadãos conscientes e participativos.

Espera-se que este estudo contribua significativamente para a compreensão da importância da literatura infantojuvenil no desenvolvimento da leitura e da escrita dos estudantes do Ensino Fundamental. A análise realizada evidencia que a obra *Marcelo, Marmelo, Martelo em outras obras*, de Ruth Rocha, quando utilizada como recurso pedagógico, favorece a ampliação do vocabulário, o aprimoramento da interpretação textual e o desenvolvimento do pensamento crítico e reflexivo. Além

disso, identificou-se que a exploração dos conflitos apresentados na narrativa possibilita aos estudantes refletirem sobre questões sociais, culturais e linguísticas, promovendo o fortalecimento de sua identidade e autonomia como leitores. A literatura, nesse contexto, se destaca como um instrumento essencial para a formação de sujeitos críticos, capazes de compreender e interpretar a realidade ao seu redor.

Outro aspecto relevante observado na pesquisa diz respeito à utilização de metodologias ativas no ensino da literatura, que demonstrou ser uma estratégia eficaz para tornar o processo de ensino e aprendizagem dinâmicos. A análise da obra permitiu constatar que a abordagem dos conflitos infantis presentes na narrativa contribui para a construção da identidade dos estudantes, favorecendo a compreensão de suas emoções e relações interpessoais. Dessa forma, espera-se que este estudo reforce a valorização da literatura infantojuvenil como um elemento fundamental na prática docente, incentivando sua utilização contínua e planejada para potencializar o ensino da leitura e da escrita no Ensino Fundamental, promovendo o desenvolvimento integral dos estudantes.

2 APONTAMENTOS HISTÓRICOS SOBRE O CONCEITO DE LITERATURA INFANTO-JUVENIL

2.1 Breve histórico da literatura infantil no Brasil.

Como nos explica Caldin (2003), nos últimos anos do século XX, a ideia acerca da necessidade e relevância da literatura infantil na instrução formativa de pequenos leitores se consolidou, passando a fazer parte das discussões concernentes às políticas públicas de educação e de cultura. Embora ainda estejamos longe de uma condição ideal que caracterize o Brasil como uma nação de leitores, devido aos desafios enfrentados pela qualidade da educação, é significativo observar que a realidade atual difere consideravelmente daquela vivenciada em décadas passadas, como em 1980, quando as crianças eram expostas à mesma literatura destinada ao público adulto. A ideia de promover um maior contato das crianças com obras de literatura infantil tornou-se, praticamente, um consenso no contexto contemporâneo.

De acordo com Barros (2013), foi necessário muito tempo para que se considerassem as crianças como constituintes de uma sociedade e para que seus vínculos com a família e a escola fossem objetos de estudo. Até o século XVI, a concepção sobre a infância era considerada de maneira muito destoante da que se tem atualmente; a existência social da infância era vista como um grupo a parte dos demais componentes da sociedade, pois somente na fase adulta eram agregados ao espaço adulto. Diante disso, a criança estava exposta às mesmas histórias e narrativas que eram compartilhadas com os adultos, representativas das tradições populares do período. Enquanto as crianças de camadas menos favorecidas da aldeia absorviam lendas, as crianças da nobreza tinham acesso a clássicos. Assim, tanto o público adulto quanto o infantil estavam imersos nos mesmos contextos e atividades, incluindo aspectos relacionados à educação formal.

Apenas no século XVIII começou a se manifestar um cuidado com o tratamento da infância, que se fixaria mais adiante, quando se passou a divisar as crianças conforme a faixa etária. Isso ocorreu, pois a “revolução social imposta pelas guerras, que modificaram os costumes entre a Idade Média e os tempos modernos, criou uma compreensão da particularidade da infância e sua importância tanto moral como social” (BARROS, 20193, p. 15).

De acordo com Zilberman (2003), a valorização da infância acarretou uma maior comunhão familiar, contudo, ao mesmo tempo, surgiram os meios de controle do crescimento intelectual da criança e do domínio de suas emoções. Sendo assim, a literatura e a escola, respectivamente, são inventadas e reorganizadas para cumprirem a missão de educar as crianças.

Ainda de acordo com Barros (2013), o período de maior visibilidade da criança ocorreu no século XIX, originando assim a preocupação e respeito com as precisões e com o crescimento cognitivo e emocional da criança, por isso, as ciências – psicológicas, sociológicas e pedagógicas – passaram a se ater a este público. Neste contexto, a literatura passa a ser objeto pedagógico de trabalho destes estudiosos que se dedicaram ao público infantil.

Dessa forma, as interligações entre literatura e o ambiente escolar, na maioria das situações, partem deste princípio de formar a criança para o uso de obras impressas com algum fim educativo adulto. Percebe-se isso quando se analisa que a maioria das obras literárias utilizadas no ambiente escolar são produzidas por professores clássicos, pedagogos, entre outros, enfim, principalmente profissionais ligados à área da Educação.

No Brasil, de acordo com Barros (2013), o reconhecimento da importância dos livros literários infantis aconteceu depois de sua valorização como recursos pedagógicos, que propositavam instruir as crianças com bons modos para a convivência em sociedade. Verifica-se aqui que ainda há uma intencionalidade, o livro visto como uma forma de impor padrões e valores morais da sociedade. Um dos autores que se destacou no Brasil na área da literatura infantil foi Monteiro Lobato.

Em 1921, o autor lançou “Narizinho Arrebitado”, que foi utilizado pela rede escolar pública com sucesso, por isso, outras histórias, como o “Sítio do Pica Pau Amarelo”, também foram implementadas. Coelho (2000, p. 225) também informa que Monteiro Lobato foi um divisor de águas na literatura infantil, pois “Fazendo a

herança do passado imergir no presente, Lobato encontrou o caminho criador que a Literatura Infantil estava necessitando.

Com o aumento das investigações direcionadas exclusivamente à infância, que iniciou no século XX e focava no desenvolvimento emocional, nas emoções e na cognição das crianças, a literatura adquiriu uma posição elevada como uma abordagem metodológica nesse domínio. Entre as décadas de 1930 e 1960, os gêneros literários, até então predominantemente centrados nas narrativas, diversificaram-se com o surgimento de cartilhas didáticas, histórias em quadrinhos, livros informativos e novas linguagens tecnológicas. Na década de 1970, a literatura infantil começou a ser reconhecida como um recurso benéfico para o desenvolvimento intelectual e cultural da criança. Durante esse período, foi fundado o Instituto Nacional do Livro em 1937, com a responsabilidade de coeditar diversas obras infantis e juvenis por meio de convênios, que passaram a servir como materiais educativos nas escolas. Essa iniciativa surgiu em um contexto onde havia grande preocupação com os baixos índices de leitura (BARROS, 2013).

As experiências acumuladas ao longo de mais de um século, que sucederam a uma mudança na concepção sobre a infância, evidenciam a riqueza desta ciência – a Literatura – em relação à formação do ser humano. Este é um produto essencialmente baseado na palavra, um dos principais instrumentos de comunicação do ser humano.

Cosson (2005), renomado autor no campo do letramento literário, esclarece que é por meio da exploração desses materiais – que refletem o mundo (re)construído pela força das palavras – que a literatura se revela como uma prática fundamental para a formação de um indivíduo capaz de escrever. É na vivência da leitura e na elaboração dos textos literários que se desvela o autoritarismo das normas impostas pelos discursos convencionalizados da sociedade letrada, permitindo, assim, o surgimento de uma forma singular de apropriar-se da linguagem que, embora seja pessoal, pertence igualmente a todos.

2.2 Breve histórico da literatura juvenil no Brasil.

Os primeiros livros voltados ao público jovem emergiram no século XVIII, com a contribuição de autores como Charles Perrault e La Fontaine. Conforme o

professor José Nicolau, especialista em Literatura Infantil e Juvenil da Universidade de São Paulo, as obras anteriores a essa época eram caracterizadas pela centralização do poder: indivíduos das camadas sociais mais elevadas tinham acesso a clássicos literários sob a orientação de seus progenitores e educadores, enquanto aqueles provenientes de classes populares permaneciam alheios à escrita e à leitura, desenvolvendo uma aproximação com a literatura oral. A concepção da criança era a de um pequeno adulto.

No século XIX, o desenvolvimento das áreas de pedagógica e psicológica voltadas para a educação, assim como o crescimento industrial e urbano no Brasil, possibilitaram a elaboração de obras literárias destinadas ao público jovem. Embora essas produções tenham sido escassas devido aos altos custos de impressão, autores como Monteiro Lobato começaram a se destacar. Até então, os livros direcionados aos adolescentes que circulavam no Brasil eram majoritariamente oriundos de outros países, especialmente Portugal.

Durante o século XX, houve uma expansão significativa da produção literária juvenil brasileira em resposta à demanda das escolas por materiais literários educativos. Em 1921, Monteiro Lobato lançou “A menina do narizinho arrebitado”, obra que teve um papel inovador na distinção dos jovens leitores. A obra de Lobato revestiu-se de tanta importância e conheceu tão grande sucesso de público, concretizado em sucessivas reedições que, durante largo tempo, o panorama da literatura destinada a crianças e a jovens permaneceu semi-estagnado, com várias e frustradas tentativas de imitação. (SANDRONI, 1998, p.15).

É fundamental ressaltar as temáticas presentes nas obras de literatura juvenil, que frequentemente trazem valores humanos universais, como exemplificado em “O menino no espelho” de Fernando Sabino e “Só a gente sabe o que sente” de Frederico Elboni. Essas obras abordam também questões específicas destinadas a promover discussões sobre temas de interesse, como evidenciado em “Só o amor consegue” de Zibia Gasparetto, “Lucíola” de José de Alencar e “Dom Casmurro” de Machado de Assis. Nesse contexto, conforme afirma o professor Clóvis de Barros Filho, especialista na área da Ética, a moral é definida por aquilo que evitaríamos realizar sob qualquer circunstância, mesmo que não houvesse supervisão ou visibilidade.

Assim sendo, é essencial enfatizar a capacidade da literatura no processo formativo moral dos jovens ao proporcionar conhecimentos sobre diferentes

perspectivas acerca de temas variados; por exemplo, a traição abordada em “Lucíola” e “Dom Casmurro”, ou mesmo a ingenuidade refletida na obra mencionada de Sabino, pode levar os leitores a considerações mais reflexivas que contribuem para melhores decisões sobre diversos aspectos da vida.

É igualmente importante observar as falhas na abordagem do ensino literário nos níveis do Ensino Médio e Fundamental Anos Finais. A ênfase desmedida em estilos literários, principais autores e suas obras, gêneros literários e a exigência da leitura obrigatória contribuem para uma desconexão entre os jovens e o universo literário, resultando numa experiência que se torna distante da realidade vivenciada pelos alunos. Nesse sentido, Battisti, mestre em Literatura Comparada, sublinha o papel crucial da escola na formação leitora dos estudantes, enfatizando que essa formação não se limita à construção do gosto literário; trata-se primeiramente da garantia do direito à literatura defendido por Antônio Cândido.

De acordo com Drummond, "a leitura é uma fonte inesgotável de prazer; porém, surpreendentemente, quase toda a população não experimenta essa necessidade". Assim sendo, evidencia-se um histórico déficit na forma como se aborda o ensino da literatura. De acordo com o professor citado anteriormente da USP, essa lacuna remonta ao final das Capitanias Hereditárias e ao monopólio educacional exercido pelos jesuítas durante cerca de duzentos anos. Isso coincide com um desenvolvimento tardio da identidade brasileira iniciado no Modernismo. Essa situação combinada com interesses educacionais provenientes tanto das editoras quanto do governo resulta em uma tendência à insensibilidade e carências empáticas entre os indivíduos formados nesse sistema educacional deficiente – levando à constituição de sujeitos moralmente fragmentado.

2.3 A literatura infanto-juvenil contemporânea

É indiscutível que, conforme já abordado, atualmente habitamos um universo destinado a crianças e adolescentes no âmbito do mercado editorial. Existe uma considerável demanda por produtos e serviços direcionados a esse segmento. Observa-se, ainda, um apelo significativo na Literatura. A literatura infanto-juvenil tem suas raízes nas primeiras narrativas voltadas para a leitura, datando aproximadamente do século XVII, momento em que a criança começa a ser reconhecida como tal, e não mais como uma versão reduzida do adulto.

Nesse contexto sociocultural, ocorre uma valorização das especificidades e necessidades desse público. De fato, as instituições – particularmente a família – atravessam um processo de reconfiguração nesse período. A criança, antes imersa no cotidiano dos adultos, passa a demandar uma educação adequada às suas características etárias. Com o surgimento dos ideais burgueses, tanto o núcleo familiar quanto o sistema educacional passam a promover um certo isolamento da criança. Surge então um espaço dedicado exclusivamente aos pequenos – um fenômeno inédito até então (ARIÈS, 1981, p. 25).

Nesse cenário é que se faz necessária uma Literatura que dialogue com e para as crianças. Inicialmente associada de maneira quase exclusiva à escola como ferramenta de propagação de normas e valores sociais. No Brasil, essa dinâmica não apresenta exceções: no final do século XIX, as instituições escolares tornam-se agentes propulsores das produções literárias direcionadas ao público infantil, assegurando sua circulação e difundindo projetos educacionais alinhados com as ideologias predominantes na época.

O mercado se tornou aquecido devido à escolarização do texto literário, ou melhor, à união entre literatura infantojuvenil e escola. Muitos críticos não consideram o gênero uma manifestação artística, pois o único compromisso deste tipo de texto é inculcar ideologias. Hoje, porém, não se pode dizer isto sobre as obras que estão sendo comercializadas e consumidas por crianças, adolescentes e jovens adultos. Há muitos especialistas que estão dedicando-se ao estudo dos textos literários voltados para o público infantil e jovem dentro das universidades.

A existência de uma literatura infanto-juvenil (que na maioria das vezes é produzida pela própria juventude, uma vez que os autores ainda que mais adultos, recuperam-se jovens) não é mais negada, mas questionada no que se refere à interferência de orientações pedagógicas na produção editorial e também na “relativa autonomia do escritor que, conforme as necessidades do mercado, acabaria escrevendo, muitas vezes, livros por encomenda” (FERNANDES, 2007, p. 3-4).

A qualidade das obras que não se voltam somente à intenção pedagógica e didática é reconhecida, bem como a sua importância na formação de leitores e o seu estatuto literário. Como aqui no Brasil a literatura infanto-juvenil sempre esteve muito ligada à escola e à atual discussão dentro da educação, mediante os resultados dos estudantes brasileiros em exames nacionais e internacionais, é o analfabetismo

funcional, ou seja, indivíduos que leem, mas não apreendem o sentido do texto, é de suma relevância mencionar as políticas públicas de popularização da leitura no país. O que vem sendo feito na escola para a formação de leitores? O que está dando certo? Por que certas iniciativas não foram felizes? A leitura concebida e praticada como instrumento de transformação pessoal e social é um acontecimento recente. Na sociedade brasileira atual, ela se constitui como uma necessidade para todas as pessoas e um dos requisitos essenciais da cidadania.

Por isso, o acesso à escolaridade e à leitura estão na pauta de todos os planos governamentais: “Estado, universidades, setor privado e organizações da sociedade civil discutem a relação entre leitura e inserção social, vinculando a importância da leitura à escola e revelando o surgimento e o desenvolvimento de políticas públicas que se ocupam em tornar melhor as condições de letramento da população” (FERNANDES, 2007 p. 10). Mesmo o governo assegurando, constitucionalmente, os direitos educacionais, questiona-se se as destrezas lerem e escreverem, imprescindíveis para o exercício da cidadania, estão realmente se efetivando na sociedade brasileira. A partir de uma série de pesquisas, concluiu-se que a falta de habilidade e hábitos de leitura e escrita da população está intimamente associada às diversas formas de desigualdade e exclusão social. É preciso ter, também, condições materiais para ser leitor.

Aqui no Brasil, é comprovado que apenas uma minoria da população tem acesso a livros. Os maiores índices de leitura e compra destes encontram-se nos extratos de maior poder aquisitivo, o mesmo que acontece com a distribuição de renda do país. Quanto maior a escolaridade e o poder econômico, maior o índice dos que apreciam a leitura de livros. A partir da década de 80, em decorrência da prioridade e da urgência do trabalho de formação de leitores, a literatura infantojuvenil acaba sendo privilegiada pelas políticas públicas do governo.

Desde que a leitura passou a ser considerada um elemento essencial na formação de cidadãos críticos no Brasil, ou seja, desde o momento em que foi introduzida como parte do currículo escolar até os dias atuais, observou-se uma grave deficiência no ensino de Literatura e Produção Textual nas instituições educacionais. Além das questões associadas ao tipo de acervo disponível nas escolas, destaca-se a inadequação da abordagem utilizada para apresentar o texto literário ao "futuro leitor".

3. LEITURA E ESCRITA NO PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM NO ENSINO FUNDAMENTAL

3.1 A formação do hábito de leitura enquanto uma atividade prazerosa

Uma das fases mais significativas do desenvolvimento cognitivo infantil é o Ensino Fundamental. Nesse período, na maioria das circunstâncias, a criança começará e aprimorará suas habilidades de leitura e escrita, estabelecendo, desse modo, uma conexão muito mais íntima com os livros. Durante essa etapa da vida, a atuação do educador é fundamental para que a criança cultive e desenvolva tanto o apreço quanto o hábito pela leitura. A partir do que foi apresentado, podemos entender que

através da leitura aprimora-se a habilidade de prever e construir hipóteses, antecipando o conteúdo a ser lido. Dessa forma, com a competência leitora desenvolvida, o aluno se emancipa para continuar aprimorando-a de forma autônoma. Diante disso, pode-se afirmar que a leitura é uma apropriação cultural que possibilita o acesso a outros conhecimentos (Silva, 2015, p. 14).

Nesse sentido, é fundamental que as obras apresentadas a crianças e jovens incitem sua curiosidade e imaginação, permitindo-lhes a liberdade de selecionar aquelas que mais lhes interessam. Assim, torna-se viável transformar o ato de ler em uma atividade totalmente natural, dissociada da obrigação imposta pelas instituições educacionais.

a leitura é um processo de sucessivo aprendizado e que, já nos primeiros anos de vida, é preciso introduzir a criança no mundo literário, no sentido de que, por meio de atividades prazerosas, ela venha adquirir intimidade com o texto e paulatinamente obtenha um diálogo com o que ouve ou com o que lê (Melo, 2016, p. 21).

Dessa maneira, fica evidente a enorme responsabilidade da escola e, principalmente, do docente, na criação e no desenvolvimento da leitura como parte indispensável da formação educacional dos alunos, pois ela enriquece o vocabulário e constrói o conhecimento do leitor:

É preciso que as instituições escolares, responsáveis pelo ensino da leitura e da escrita, desenvolvam as experiências das crianças e dos adolescentes, de tal sorte que eles possam ler e reproduzir diversos textos com autonomia. Para que isso aconteça de forma produtiva, é primordial que, desde a educação infantil, a escola tenha a preocupação com o desenvolvimento dos conhecimentos referentes à aprendizagem da escrita alfabética, assim como daqueles ligados ao uso da linguagem escrita. (Melo, 2016, p. 22).

Entretanto, é importante destacar os prejuízos que a leitura imposta pode provocar nas crianças. Não há utilidade em forçá-las a ler se isso não ocorrer por prazer. Segundo Alves (1996 apud Cruz; Silva, 2017), para uma melhor compreensão da importância de ler por prazer é possível comparar, metaforicamente, a leitura à música, pois para que exerça prazer nas pessoas, deve ser executada da melhor forma possível. É inconcebível esperar que um músico inexperiente execute, de forma perfeita, uma sinfonia dos grandes gênios da música. O mesmo raciocínio pode ser aplicado para a leitura. Adquirir o hábito de ler, leva tempo e dedicação, mas deve ser incentivado a partir do prazer e não da obrigação, caso contrário, não irá funcionar e acarretará aversão à leitura por parte dos alunos.

Desse modo, Martins (1990, p.34) ressalta: “A função do educador não seria precisamente a de ensinar a ler, mas a de criar condições para o educando realizar a sua própria aprendizagem, conforme seus próprios interesses, necessidades, fantasias, segundo as dúvidas e exigências que a realidade lhe apresenta”. Dessa forma, entende-se que a instituição de ensino deve conferir importância à prática da leitura, reconhecendo-a como uma atividade essencial para a formação integral do estudante. Deve-se proporcionar aos alunos o acesso a uma variedade de materiais de leitura, incluindo revistas, fotonovelas, histórias em quadrinhos, entre outros. Dessa forma, espera-se que os estudantes se sintam incentivados a ler, apresentando um interesse maior em relação ao que encontram na leitura exclusiva de livros didáticos.

Para Freire (1989), a leitura do mundo precede sempre a leitura da palavra e a leitura desta implica a continuidade da leitura daquele. A leitura é associada à

forma de ver o mundo. É possível dizer que a leitura é um meio de conhecer. O seu conceito passa pela compreensão do mundo. Entender o que é leitura e para o que ela serve, certamente, nos fará melhores professores.

Segundo Bloom (2001, pág. 65).

A leitura está desaparecendo lenta e decidida dos nossos hábitos e do elenco dos nossos prazeres. Não a leitura de manuais de autoajuda, de informação rápida e digerível e dos mais variados kits de misticismo planificado, para comprovar este fato basta verificar a maioria das listas dos “mais lidos”. A Leitura que está morrendo é a da grande literatura, o produto dos mais ricos momentos de imaginação e criatividade humana. Uma certa melancolia é inevitável diante deste quadro, sobretudo quando se considera o poder da literatura de tornar a vida mais significativa e possibilitar o acesso a uma dimensão mais profunda da existência na qual podemos partilhar, através do Sublime e do Belo, da unidade da natureza humana.

A leitura é uma ferramenta poderosa que pode mudar a vida de uma pessoa. Por isso, o professor tem um papel fundamental como mediador do conhecimento, incentivando os alunos a praticarem a leitura e ajudando-os a entender os textos lidos. O objetivo é que eles se tornem leitores ao longo da vida. Acredita-se que para formar bons leitores, o hábito de ler deve começar nos primeiros anos do ensino fundamental, através de atividades diversas que despertem o interesse e a alegria pela leitura.

Assim, ter oportunidades de ler é essencial para estimular o desejo por essa prática. É importante que o professor promova esse hábito nos alunos, conhecendo seus gostos conforme sua idade e criando um ambiente onde possam ler livremente. Esse espaço não deve ser destinado apenas a avaliações ou questionários sobre o texto, mas sim gerar estratégias que desenvolvam habilidades como pensamento crítico, oralidade, interpretação, criatividade e diálogo; ou seja, permitir criar e recriar ideias a partir do que foi lido.

Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN):

A leitura é um processo no qual o leitor realiza um trabalho ativo de compreensão e interpretação do texto, a partir de seus objetivos, de seu conhecimento sobre o assunto, sobre o autor, de tudo o que sabe sobre a linguagem, etc. Não se trata de extrair informação, decodificando letra por letra, palavra por palavra. Trata-se de uma atividade que implica estratégias de seleção, antecipação, inferência e verificação, sem as quais não é possível proficiência. É o uso desses procedimentos que possibilita controlar o que vai sendo lido, permitindo tomar decisões diante de dificuldades de compreensão,

avançar na busca de esclarecimentos, validar no texto suposições feitas (BRASIL, 1998, p. 69).

Segundo Cruz (2009), é por meio da leitura que o aluno desenvolve melhor a linguagem, e se torna uma pessoa mais comunicativa.

A leitura é formada por dois elementos de grande importância e indissociáveis, sendo eles a decodificação e a compreensão. A decodificação se dá por meio do reconhecimento e identificação das letras, símbolos e palavras, enquanto a compreensão é o processo que acarreta no aprendizado da informação disposta no texto (CRUZ, p.43, 2009).

Para Kleiman (2004, p. 10), a leitura é “uma prática social que remete a outros textos e outras leituras. Em outras palavras, ao lermos um texto, qualquer texto, colocamos em ação todo nosso sistema de valores, crenças e atitudes que refletem o grupo social em que se deu nossa socialização primária”.

Com base nesse pressuposto citado, ao oferecer todas essas oportunidades – de refletir sobre o sistema alfabetico e de compreender e aplicar a linguagem escrita em suas diversas funções – o professor potencializa as habilidades das crianças em pensar e sintetizar. Esses processos se intercalam na prática da leitura e da escrita, contribuindo para o crescimento infantil. Por isso, ler e escrever são metas essenciais de uma boa instituição educacional, especialmente aquela que desejamos para todas as crianças brasileiras.

3.2 O papel do Professor no processo de mediação da leitura e escrita

A leitura é a maneira mais eficaz de adquirir conhecimento. No entanto, é preciso desmistificar a ideia de que ler é uma atividade entediante e repetitiva. Ao contrário do que muitos acreditam, ler pode e deve ser um prazer, pois não só transmite saberes, como também estimula o pensamento crítico e enriquece o vocabulário. A prática da leitura literária pode ser vista como um ato que ativa e cria universos, anseios e sensibilidades. É importante partir do princípio de que não nascemos leitores de literatura; nem mesmo somos leitores do mundo, já que precisamos ser instruídos para entender os livros e outras formas de escrita presentes na sociedade. Essa formação – inicial na família e depois na escola – não

se dá de forma espontânea ou simples; é um processo que exige esforço e aprendizado.

O professor tem um papel fundamental na construção de novos saberes. Sua responsabilidade é de grande importância, pois ele necessita se adaptar às diferentes linguagens e criar oportunidades para além das situações educativas, transcendendo a sala de aula. O gosto pela leitura é despertado pelo próprio entusiasmo do professor que incentiva o aluno ao aproximar-se dos livros. Ou seja, para formar leitores, é preciso que o mediador desse processo se interesse por livros de tipos variados e que compartilhe suas descobertas e aprendizagens

Assim, é importante destacar que para formar leitores proficientes é de fundamental importância o incentivo do professor, pois, na grande maioria das vezes, é por meio dele que o aluno desenvolverá, ou não, o gosto pela leitura. Sobre isso, Bortoni Ricardo (2013, p.76) afirma que “A experiência leitora do professor se reflete diretamente no desenvolvimento de seu trabalho em sala de aula, considerando que ele tenha como finalidade a formação de novos leitores”. Conforme Batista (2022), um dos grandes desafios dos professores da educação básica é ensinar a leitura para os alunos, uma vez que ensinar não só a decifrar códigos, e sim a ter o hábito de ler. Seja por prazer, seja para estudar ou para se informar, a prática da leitura aprimora o vocabulário e dinamiza o raciocínio e a interpretação, cria um sujeito mais crítico; coloca em contato o leitor com outras culturas criando sensibilidade e abertura a diferença; contribui na prevenção de problemas sociais como a xenofobia e o racismo.

Assim, o professor necessita ter consciência de seu importante papel enquanto mediador na formação leitora e cidadã dos estudantes, visto que o ambiente escolar oportuniza a eles o contato com a leitura e, para além disso, deve buscar formas de desenvolver o gosto pela leitura em seus estudantes.

Segundo Silva (2018), a mediação leitora é uma atividade exercida pelo docente, indivíduo com grande capacidade intelectual e cultural. Tal processo ocorre de forma consciente e objetiva, sempre buscando o progresso literário dos estudantes.

Nesse sentido,

para que aconteça a aprendizagem por meio do processo mediacional, é necessário que o professor incentive os alunos a participarem de atividades nas quais possam compartilhar seus

conhecimentos e pensamentos com os demais alunos e com o professor e, assim, juntos, possam atribuir novos significados ao texto (Silva, 2018, p. 21).

Em vista disso, ler e escrever, constantemente, torna-se uma atividade de grande valia. Reconhecemos que uma parte de todas as provas necessárias para ingressar em universidades públicas, conforme estabelece o Enem, é na forma de redações dissertativas. Posteriormente, no mundo acadêmico, será necessária uma excelente escrita para a produção de materiais científicos.

Alguns autores defendem que, antes de formador de leitor, o professor deve ser um leitor ativo e não apenas repetir o discurso para as crianças que elas precisam ler, pois ler é importante (PASCOAL, 2009, p. 24). O professor ele tem um papel fundamental na construção de novos saberes, sua responsabilidade é de grande importância, pois o mesmo necessita se adaptar- se as diferentes linguagens e criar oportunidades para além das situações educativas, transcendendo a sala de aula, sendo assim despertar o conhecimento, provocar reflexões, despertar o desejo de aprender, entre outros, para que a realização da construção de autonomia vise a contribuição para a construção de uma sociedade crítica e pensante.

Segundo Santos (2009, p. 40):

Para ser um agente de leitura a pessoa tem primeiro que gostar de ler, ter vontade e compromisso social de compartilhar esse gosto e sua experiência de leitura com um outro tanto de gente, formando leitores em ambientes diversos como bibliotecas municipais, escolas, fábricas, empresas, associações, comunidades e dentro das casas, no seio de famílias que abrem suas portas para que os livros e a leitura possam entrar em suas vidas.

Para que a mediação do professor, entre a literatura e as crianças, seja eficaz, é fundamental que a preparação do mediador se dê a partir de um relacionamento positivo com os leitores, ou seja, conhecer os alunos, investigar os gostos literários através de diálogos, adaptar-se ao ritmo da criança, incentivar a escolha do livro e selecionar livros que estejam de acordo com a faixa etária da turma. A ação de mediar leitura envolve observação, orientação e interação.

O mediador deve ser, antes de tudo, um leitor que tem o papel de colocar-se como ponte entre o texto e o leitor. Nesse sentido, Garcia (2007, p. 95) afirma que o “mediador muitas vezes faz o percurso junto, ele mesmo é um sujeito em processo, alguém que vai formando leitor à medida que vai formando outros leitores.

3.3 A contribuição da leitura na construção da escrita e alfabetização de estudantes no Ensino Fundamental

O processo de alfabetização é uma discussão antiga entre os especialistas no assunto e entre os pais quando vão escolher uma escola para seus filhos começarem a ler as primeiras palavras e frases. No caso brasileiro, com os elevados índices de analfabetismo e os graves problemas estruturais na rede pública de ensino, especialistas debatem qual seria o processo para revolucionar ou pelo menos melhorar a educação brasileira. Ao longo das décadas, houve mudança da forma de pensar a educação, que passou a ser vista da perspectiva de como o aluno aprende e não como o professor ensina.

Dessa forma, observa-se que são muitas as formas de alfabetizar, e cada uma delas destaca um aspecto no aprendizado. Desde o método fônico, adotado na maioria dos países, que faz a associação entre as letras e sons, passando pelo método da linguagem total, que não utiliza cartilhas, e o alfabetico, que trabalha com a soletração, todos contribuem, de uma forma ou outra, para o processo de alfabetização.

Nesse sentido, um dos mais antigos sistemas de alfabetização, o método alfabetico, também conhecido como soletração, tem como princípio que a leitura parte da decoração oral das letras do alfabeto e depois todas as suas combinações silábicas e, em seguida, as palavras. A partir daí, a criança começa a ler sentenças curtas e vai evoluindo até conhecer histórias.

O ato de ler e escrever envolve diversas estratégias, ou seja, um extenso conjunto de métodos para adquirir, analisar e aplicar informações. A leitura e a escrita, assim como qualquer atividade humana, representam uma ação inteligente. As pessoas não reagem apenas aos estímulos do ambiente; elas buscam ordem e estrutura no mundo de forma que consigam aprender com suas experiências, antecipá-las e compreendê-las. Os leitores criam táticas para lidar com o texto, gerando significado ou entendendo-o. Essas táticas são utilizadas tanto na leitura quanto na escrita, com a possibilidade de se transformar e evoluir ao longo desse processo. É evidente que isso só acontece se houver prática da leitura.

Desse modo, concorda-se com Travaglia (2009) ao colocar que o objetivo de ensino de leitura e escrita é desenvolver a capacidade de produzir, ler e compreender textos nas mais diversas situações de comunicação, então, deve-se propiciar o contato e o trabalho do aluno com textos utilizados em situações de interação comunicativa as mais variadas possíveis.

Alguns pontos essenciais sobre leitura e escrita são: trata-se de atividades construtivas e criativas que possuem quatro características principais: a objetiva, onde se lê por um motivo específico; a seletiva, em que se dá atenção ao que é relevante para os objetivos propostos; a antecipatória, onde os objetivos estabelecem expectativas em relação ao texto; e a fundamentada na compreensão, em que entender é o ponto central da leitura.

Os estudantes precisam ter certos conhecimentos para aprender a ler e não achar o ensino dessa habilidade irrelevante: devem compreender que a escrita carrega significado e que a linguagem escrita difere da fala (apesar da conexão entre as duas). Para Kleiman (2012, p.4), “os estudos do letramento, partem de uma concepção de leitura e de escrita como práticas discursivas, com múltiplas funções e inseparáveis dos contextos em que se desenvolvem”.

Nessa perspectiva, comprehende-se que ler é captar significados dos textos. O principal objetivo da leitura é entender o conteúdo apresentado pelo texto, bem como as propostas, sugestões ou provocações contidas nele. Compreender envolve reconhecer a intenção do autor, identificar mensagens explícitas e implícitas e comparar o conteúdo do texto com o conhecimento prévio ou opiniões do leitor sobre o tema abordado. Em outras palavras: ler é um processo contínuo, ativo e interativo de análise e síntese.

Para isso observa-se que o letramento é a palavra recém-chegada ao vocabulário da Educação e das ciências Linguísticas: é na segunda metade dos anos 80, há cerca de apenas dez anos, portanto, que ela surge no discurso dos especialistas dessas áreas (SOARES, 2012, p. 15). A partir desses apontamentos da autora, percebemos que a palavra letramento por ser uma palavra recém-chegada, está evoluindo muito, a cada dia vem ganhando mais visibilidade, o que enriquece muito a questão do ensino na educação escolar.

Segundo Kleiman (1995):

O fenômeno do letramento, então, extrapola o mundo da escrita tal qual ele é concebido pelas instituições que se encarregam de introduzir formalmente os sujeitos no mundo da escrita. Pode-se afirmar que a escola, a mais importante das agências de letramento, preocupa-se não com o letramento, prática social, mas com apenas um tipo de prática de letramento, qual seja, a alfabetização, o processo de aquisição de códigos (alfabético, numérico), processo geralmente concebido em termos de uma competência individual necessária para o sucesso e promoção da escola (KLEIMAN, 1995, p. 20).

A autora afirma que a escola é a principal agência do letramento, sem dúvidas é uma afirmação verdadeira, o âmbito escolar tem esse papel de praticar o desenvolvimento do aluno, para que possa realmente compreender, porém, torna-se delicado a questão do meio em si não se importar de fato com o letramento e sim praticar apenas superficialmente esse processo.

Neste sentido, Soares (2012, p. 18) exemplifica seu conceito a respeito do letramento, dizendo: “letramento é, pois, o resultado da ação de ensinar ou de aprender a ler e escrever [...]. É perceptível o quanto essa palavra tem um significado forte. Pois a leitura e escrita são duas ferramentas fundamentais para o desenvolvimento de um indivíduo que pode se estabelecer em um grupo social, sabendo interagir com o aprendizado que adquiriu. No entanto, há uma questão muito importante a ser discutida sobre esse surgimento, que veio para melhorar o alfabetizado. Já que o resultado de alfabetização não é tão satisfatório como o do letramento. Segundo Soares (2003):

Os parâmetros Curriculares Nacionais discutem: “[...] para a área de Língua Portuguesa focalizam a necessidade de dar ao aluno condições de ampliar o domínio da língua e da linguagem, aprendizagem fundamental para o exercício da cidadania”. (BRASIL, 1998, p. 58). Conforme os PCNs é perceptível o dever que a escola tem de desenvolver a leitura e a escrita na e para além da escola nas interações sociais de seus alunos.

Estas duas dimensões são inseparáveis, assim como não podemos dizer que uma é mais importante que a outra, pois as duas andam juntas, de modo que possam transformar a vida de um ser, como afirma Soares (2012): “[...] aprender a ler e escrever é, além disso, fazer uso da leitura e da escrita transformam o indivíduo, levam o indivíduo a outro estado ou condição sob vários aspectos: social, cultural, cognitivo, linguístico, entre outros” (SOARES, 2012, p. 38).

O professor de língua portuguesa tem esse papel de instigar o aluno a desenvolver essas duas vertentes na sala de aula. Uma tarefa desafiadora, pois o número de alunos que não gostam de praticar a leitura, é muito grande, sendo afetados negativamente pelo advento da tecnologia e não aliado às atividades escolares, tornando, as vezes, o trabalho do professor ainda mais complicado. É indiscutível o apoio e a importância tanto dos pais quanto da escola nesse processo de construção e no desenvolvimento do aluno.

A leitura e a escrita são habilidades essenciais segundo a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), sendo vistas como ferramentas fundamentais para o desenvolvimento da cidadania e a participação ativa na sociedade. Desde a Educação Infantil, o referido documento destaca a relevância do contato com diversos gêneros textuais e da valorização da diversidade linguística, permitindo que os alunos aprimorem sua compreensão, interpretação e produção de textos. Na Educação Básica, a leitura é compreendida não apenas como um ato de decodificação, mas como uma prática social que favorece o surgimento de leitores críticos e autônomos.

A escrita, por sua vez, é apresentada como um processo gradual que vai além da simples reprodução de modelos, incentivando a criatividade e a habilidade argumentativa dos estudantes. A BNCC sugere que os alunos aprendam a empregar a escrita em diferentes contextos e com variados propósitos, desde anotações pessoais até textos destinados ao uso público e acadêmico. Dessa forma, o ensino de leitura e escrita é assimilado às competências gerais da BNCC, contribuindo para a formação integral do aluno e sua atuação consciente e transformadora no mundo.

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e os Planos Nacionais Curriculares (PNCs) são fundamentais no processo de leitura e escrita, pois orientam a prática pedagógica e garantem o direito à aprendizagem. A BNCC estabelece um ensino progressivo da alfabetização, desde a Educação Infantil até o Ensino Fundamental, promovendo o desenvolvimento da oralidade, leitura e escrita de forma integrada. Já os PNCs, como o Plano Nacional de Educação (PNE) e a Política Nacional de Alfabetização (PNA), complementam essas diretrizes ao definir metas e estratégias para a melhoria da proficiência leitora, assegurando materiais didáticos e metodologias baseadas em evidências. Dessa forma, a articulação entre BNCC e PNCs fortalece a formação dos estudantes, promovendo a leitura crítica e a escrita significativa.

4. MARCELO, MARMELO, MARTELO E SUA RELEVÂNCIA PEDAGÓGICA NO ENSINO FUNDAMENTAL

4.1 Resumo da obra

A obra *Marcelo, Marmelo e Martelo*, escrita por Ruth Rocha e publicada em 1981, é uma das mais importantes contribuições da autora para a literatura infantojuvenil brasileira. A narrativa foca na figura do protagonista, Marcelo, um menino que vive suas experiências cotidianas com grande curiosidade e reflexão. O enredo se constrói a partir da exploração das relações de amizade e identidade, tendo como principais interlocutores Marmelo e Martelo, dois amigos que, de maneiras distintas, contribuem para o crescimento pessoal de Marcelo.

O livro se desvia do tradicionalismo das histórias infantis ao apresentar, de forma lúdica e criativa, a complexidade dos sentimentos e da percepção do mundo na infância. Ruth Rocha utiliza uma linguagem simples, mas repleta de sutilezas, para tocar temas profundos como a imaginação, a diferenciação entre o real e o

imaginário, e a construção da individualidade. Marcelo, o protagonista, é um reflexo da criança que se depara com o mundo à sua volta, questionando, explorando e se ajustando às convenções e expectativas da sociedade adulta.

Ao lado de seus amigos Marmelo e Martelo, Marcelo aprende não apenas sobre a realidade externa, mas também sobre si mesmo. A amizade, tema central da obra, é apresentada de maneira multifacetada, sendo construída com base na aceitação, no conflito e na adaptação às diferenças. Marmelo representa o amigo mais introspectivo, que possui um ponto de vista distinto, enquanto Martelo, com sua forma de ver o mundo, complementa a visão de Marcelo, proporcionando-lhe uma nova perspectiva sobre os acontecimentos.

A Ruth Rocha utiliza a obra para desafiar os paradigmas da infância idealizada e proposta por muitas histórias convencionais, convidando o leitor jovem a refletir sobre a sua própria experiência de crescimento. Por meio de uma narrativa que transita entre o lúdico e o reflexivo, Marcelo, Marmelo e Martelo propõe uma nova forma de ver o universo infantil, onde a imaginação não é apenas um escapismo, mas uma ferramenta para o questionamento da realidade.

A obra é uma rica análise da infância enquanto fase de descobertas, mas também como um espaço para a contestação, a autoafirmação e a construção da identidade, desafiando normas e explorando as relações humanas de maneira aberta e inclusiva. O livro representa, assim, uma obra de grande relevância no cenário da literatura brasileira infantojuvenil, pois além de divertir, fomenta uma educação crítica e consciente desde a mais tenra idade.

A história principal apresenta Marcelo, um menino criativo que decide dar novos nomes a objetos do cotidiano. Esse enredo permite trabalhar questões linguísticas, como formação de palavras e os significados culturais atribuídos à linguagem. Como afirma Vygotsky (2007), “a linguagem é o principal meio de interação social e de organização do pensamento”. Dessa forma, a obra permite que os estudantes compreendam como a linguagem reflete e transforma a realidade.

A leitura é uma ferramenta fundamental para a construção do pensamento crítico e do desenvolvimento da criatividade. Por meio dos livros, somos apresentados a novos mundos, ideias e formas de compreender a realidade. Na obra *Marcelo, Marmelo, Martelo*, Ruth Rocha mostra como a curiosidade e a imaginação podem levar a questionamentos sobre a linguagem e a comunicação. O protagonista, Marcelo, questiona a lógica das palavras e chega a inventar seu

próprio vocabulário, refletindo sobre a importância do significado das coisas ao seu redor. Como ele mesmo diz: "Ora, se eu entendo o que todo mundo fala, por que eles não entendem o que eu falo?" (ROCHA, 1977, p. 14).

Dessa forma, a leitura desperta a curiosidade e incentiva o leitor a pensar de maneira independente. Além disso, reforça que a linguagem e o conhecimento são construções sociais que podem ser exploradas de diferentes formas. Assim, a leitura não apenas ensina, mas também provoca questionamentos e amplia as possibilidades de interpretação do mundo.

4.2 Interdisciplinaridade e Exploração Pedagógica da Obra

A interdisciplinaridade é uma abordagem pedagógica que visa integrar diferentes áreas do conhecimento, promovendo uma aprendizagem significativa e contextualizada. No ensino fundamental, a literatura desempenha um papel central nesse processo, oferecendo oportunidades para relacionar temas literários com conteúdo de disciplinas como história, geografia, ciências e artes. Segundo Fazenda (2011), "a interdisciplinaridade permite a construção de saberes conectados, rompendo com a fragmentação do conhecimento escolar." Essa integração não apenas enriquece o aprendizado, mas também possibilita aos estudantes uma compreensão mais ampla e crítica do mundo.

A literatura infantil, por sua natureza acessível e temática variada, é uma ferramenta eficaz para práticas interdisciplinares. Zilberman (2003) destaca que "a literatura infantil é uma porta de entrada para a imaginação e para a compreensão das experiências humanas, tornando-se um recurso indispensável no ensino interdisciplinar." Obras como *Marcelo, Marmelo e Martelo*, de Ruth Rocha, exemplificam essa potencialidade, ao abordar questões de amizade, linguagem, conflitos e convivência social, que podem ser exploradas em várias disciplinas.

Freire (1996) enfatiza que "a educação deve ser um ato de construção coletiva, em que diferentes saberes dialoguem." Nesse sentido, a literatura serve como ponto de partida para debates que conectam aspectos literários a questões históricas, culturais e filosóficas. Moran (2013) acrescenta que "a interdisciplinaridade cria contextos que ajudam os estudantes a enxergar a aplicabilidade do que aprendem na sala de aula em suas vidas cotidianas." Essa

conexão torna-se evidente quando os professores utilizam textos literários para abordar temas complexos, como dilemas éticos e valores humanos.

Japiassu (1976) ressalta que a interdisciplinaridade “desafia o aluno a questionar, refletir e integrar conhecimentos, rompendo com o aprendizado puramente mecânico.” Ao trabalhar a literatura dessa forma, os estudantes não apenas compreendem o texto, mas também desenvolvem competências analíticas e criativas. Para Nóvoa (1995), a interdisciplinaridade “é um espaço para inovação, onde a criatividade do aluno e do professor é estimulada.” Assim, projetos que integram a literatura com artes visuais, música ou teatro permitem que os estudantes explorem diferentes formas de expressão e interpretação.

A literatura também pode ser utilizada como uma ferramenta para o ensino de ciências e meio ambiente. Piaget (1978) afirma que “o conhecimento se constrói por meio de conexões entre diferentes áreas, o que favorece o aprendizado.” Obras literárias que abordam questões ambientais ou científicas possibilitam discussões que relacionam as narrativas a conceitos acadêmicos. Nesse mesmo sentido, Capra (1996) aponta que “a literatura pode sensibilizar os estudantes para as questões ecológicas de forma intuitiva e crítica.”

Le Goff (1992) observa que “a literatura é uma fonte histórica, pois carrega as representações e imaginários de uma época.” Ao relacionar obras literárias com eventos históricos ou contextos culturais, os professores ajudam os alunos a compreenderem como os textos refletem e dialogam com as realidades sociais. Além disso, Milton Santos (1996) argumenta que “os lugares narrados na literatura são construções culturais que podem revelar as interações entre o homem e o espaço.” Dessa forma, a análise dos ambientes descritos em textos literários pode ser conectada à geografia, promovendo a percepção espacial e cultural dos estudantes.

A educação socioemocional é outra área em que a literatura desempenha um papel essencial. Goleman (1995) enfatiza que “a educação emocional é tão importante quanto o aprendizado acadêmico, e a literatura é uma ferramenta poderosa para esse desenvolvimento.” Histórias que abordam conflitos e emoções humanas, como as de *Marcelo, Marmelo e Martelo*, incentivam os estudantes a refletirem sobre suas próprias vivências e a desenvolverem habilidades como empatia e autorregulação.

Por fim, Lévy (1999) destaca que “a cibercultura abre novas possibilidades para a expressão e a recriação literária.” A integração da tecnologia ao ensino da literatura amplia as possibilidades de exploração interdisciplinar, permitindo que os alunos criem adaptações digitais, vídeos ou outros recursos multimídia baseados nos textos.

Assim, a interdisciplinaridade na literatura no ensino fundamental não apenas enriquece o aprendizado, mas também promove o desenvolvimento integral dos estudantes. Conforme Fazenda (2011), “a interdisciplinaridade é um caminho para superar a fragmentação do conhecimento, promovendo uma educação mais humana e integrada.” Ao utilizar a literatura como eixo central de práticas interdisciplinares, os professores criam um ambiente de ensino dinâmico, reflexivo e conectado às realidades dos alunos.

A exploração pedagógica dessa obra pode ser realizada de forma interdisciplinar, considerando que seus temas são adequados para conectar diferentes áreas do conhecimento. Como afirma Zilberman (2003), “a literatura infantil é uma ferramenta essencial para o desenvolvimento cognitivo e emocional, pois permite que a criança compreenda o mundo de forma lúdica e crítica.”

Tabela 01 - Proposta de Atividades

Componente Curricular	Atividade	Objetivo
Língua Portuguesa	Criar palavras e seus significados, inspirado no vocabulário de Marcelo.	Estimular a criatividade e a reflexão sobre o papel da linguagem na comunicação.
Educação Socioemocional	Promover rodas de conversa sobre amizade e resolução de conflitos, com base nas histórias.	Desenvolver habilidades como empatia e cooperação.
História	Relacionar os valores da obra com diferentes períodos históricos e culturais.	Contextualizar a narrativa em uma perspectiva histórica e cultural.
Ciências	Discutir como seria o ambiente físico e natural da cidade dos personagens.	Promover a consciência ambiental e a percepção do espaço urbano.
Artes	Criar desenhos ou maquetes	Estimular a criatividade e a

	que representem as cenas mais marcantes da história.	expressão artística.
--	--	----------------------

Fonte: Lima (2024)

A proposta de atividades baseada na obra *Marcelo, Marmelo, Martelo*, de Ruth Rocha, tem um papel fundamental no estímulo à leitura, proporcionando uma abordagem interdisciplinar que vai além da simples decodificação do texto. Integrar diferentes componentes curriculares, como Língua Portuguesa, História, Ciências, Educação Socioemocional e Artes, permite que os estudantes compreendam a narrativa de maneira mais profunda e envolvente, relacionando-a com suas próprias vivências e com diversos contextos culturais e históricos. Ao criar palavras e seus significados inspirados no vocabulário do personagem Marcelo, por exemplo, os estudantes são incentivados a refletir sobre a linguagem e a comunicação, desenvolvendo habilidades criativas e críticas.

Além disso, ao abordar temas como amizade e resolução de conflitos, a proposta de Educação Socioemocional contribui para a formação de habilidades socioemocionais importantes, como empatia e cooperação. Tais habilidades são essenciais não apenas para o ambiente escolar, mas para a convivência em sociedade, e a leitura literária, ao abordar situações do cotidiano, oferece oportunidades para discutir valores e relações interpessoais de forma mais concreta.

Outro aspecto relevante dessa proposta é a possibilidade de os estudantes expressarem suas interpretações da obra por meio de atividades artísticas, como a criação de desenhos ou maquetes que representem as cenas mais marcantes. Essa conexão com Artes torna a leitura mais acessível e atrativa para diferentes perfis de aprendizes, além de enriquecer a experiência literária, permitindo que os estudantes externalizem suas próprias compreensões e criem uma conexão afetiva com o texto.

A reflexão sobre o ambiente físico e natural da cidade dos personagens, proposta nas atividades de Ciências, também amplia a perspectiva dos estudantes, fazendo com que a leitura não se restrinja ao contexto do livro, mas se expanda para discussões sobre o espaço urbano e as questões ambientais. Assim, a obra de Ruth Rocha se torna um ponto de partida para desenvolver a consciência crítica sobre a sociedade e o meio ambiente, aproximando os estudantes da realidade que os cerca.

Dessa forma, essa abordagem interdisciplinar reforça que a leitura deve ser vista não apenas como uma prática isolada, mas como uma ferramenta de aprendizado que se conecta com múltiplos aspectos do conhecimento e da vida cotidiana. Ao envolver diversas áreas do saber, a obra *Marcelo, Marmelo, Martelo* se transforma em um meio poderoso para estimular a criatividade, o pensamento crítico e o desenvolvimento de habilidades socioemocionais, tornando a leitura uma experiência rica e transformadora.

Nesse sentido, a obra *Marcelo, Marmelo e Martelo* oferece uma ampla gama de possibilidades pedagógicas para o ensino fundamental, permitindo que os professores desenvolvam atividades que dialoguem com diferentes áreas do conhecimento. Como argumenta Fazenda (2011), “a interdisciplinaridade na literatura é um caminho para transformar a aprendizagem em uma experiência integradora e significativa.” Ao explorar os temas e valores presentes na narrativa, os educadores não apenas enriquecem o processo educativo, mas também contribuem para a formação integral dos estudantes.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise da obra *Marcelo, Marmelo, Martelo e outras histórias*, de Ruth Rocha, permitiu compreender como os conflitos apresentados no universo infantil refletem aspectos relevantes para a formação de estudantes do Ensino Fundamental – Anos Finais. A literatura infantojuvenil, ao tratar das experiências, emoções e desafios da infância, revela-se uma ferramenta poderosa na promoção do desenvolvimento cognitivo, emocional e social dos alunos.

Ao responder ao objetivo geral, conclui-se que a representação dos conflitos na obra de Ruth Rocha, como o desejo de compreensão e autonomia de Marcelo, oferece subsídios para uma leitura crítica e reflexiva por parte dos estudantes, ajudando-os a lidar com os próprios desafios. Quanto aos objetivos específicos, a

pesquisa evidenciou que a literatura infantojuvenil é essencial para a construção de competências e habilidades, especialmente no estímulo à leitura, escrita e interpretação textual. Segundo Coelho (2000), a literatura infantojuvenil desempenha um papel formativo ao fomentar o senso crítico e a imaginação, elementos indispensáveis para a formação integral dos estudantes.

Além disso, a literatura foi discutida como uma ferramenta estratégica no processo de ensino-aprendizagem. Conforme os apontamentos de Cândido (1995), a leitura literária permite uma humanização do leitor, conectando-o às experiências humanas universais. Nesse sentido, obras como as de Ruth Rocha não apenas trabalham aspectos técnicos da língua, mas também promovem a empatia, a criatividade e o protagonismo dos estudantes. Essa abordagem reforça a importância de práticas pedagógicas que integrem a literatura ao cotidiano escolar, tornando o aprendizado mais significativo e conectado com as vivências dos alunos.

Portanto, a literatura infantojuvenil se apresenta como uma aliada indispensável na formação de cidadãos críticos e autônomos. Obras como *Marcelo, Marmelo, Martelo* enriquecem o repertório cultural dos estudantes e incentivam a construção de uma educação transformadora, que extrapola os limites do conteúdo programático e contribui para uma formação humanista e reflexiva.

REFERÊNCIAS

- ARIÈS, Philippe. **História social da criança e da família**. Tradução de Dora Flaksman. 2. ed. Rio de Janeiro: LTC, 1981.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Portuguesa**. Brasília: MEC/SEF, 1998.
- BATISTA, Rafael. **A importância da leitura**. Brasil Escola. Disponível em: <https://brasilescola.uol.com.br/ferias/a-importancia-leitura.htm>. Acesso em 13 de julho de 2022.
- BAKHTIN, Mikhail. **Estética da Criação Verbal**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- BLOOM, Harold. **COMO E POR QUE LER**. Editoração Eletrônica Abreu's System Ltda. 2001.

BORDINI, Maria da Glória; AGUIAR, Vera Teixeira de. **Literatura e Formação do Leitor: alternativas metodológicas**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1988.

BARROS, P. R. P. D. B. **A contribuição da literatura infantil no processo de aquisição de leitura**. 2013. 54f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) – Centro Universitário Católico Salesiano Auxilium, São Paulo, 2013. Acesso em: 15 jul. 2020.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclo do ensino fundamental: língua Portuguesa**. Brasília: MEC/SEF, 1998.

BRASIL. **Ministério da Educação: Parâmetros Curriculares Nacionais**. 1998. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/blegais.pdf>. Acesso em: 15 jul. 2023.

CANDIDO, Antonio. **A literatura e a formação do homem**. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

CALDIN, C. F. **A função social da leitura da literatura infantil**. Redalyc, Espanha e Portugal, n. 15, s./p., jan./jun. 2003. Disponível em: . Acesso em: 15 jul. 2020.

CAPRA, Fritjof. **A teia da vida: uma nova compreensão científica dos sistemas vivos**. São Paulo: Cultrix, 1996.

COELHO, N. N. **Literatura infantil: teoria, análise, didática**. São Paulo: Moderna, 2000.

COELHO, Nelly Novaes. **Literatura infantil: teoria, análise, didática**. 11. ed. São Paulo: Moderna, 2000.

COELHO, Nelly Novaes. **Literatura Infantil: Teoria, análise, didática**. 11. ed. São Paulo: Moderna, 2000.

COSSON, R. **Letramento literário: teoria e prática**. São Paulo: Contexto, 2009.

CRUZ, Cleide Maria da; SILVA, Fábio Bernardo. **A leitura e sua relevância no processo de ensino-aprendizagem**: o papel do professor na contação de história como incentivo ao hábito da leitura. *Revista Saberes Docentes*. v. 2, nº 3, 2017. Disponível em: <http://www.revista.ajes.edu.br/index.php/rsd/article/view/76>. Acesso em: 07 nov. 2021.

CRUZ, V. **Dificuldades de Aprendizagem Específicas**. Lisboa: Lidel, 2009.

FAZENDA, Ivani Catarina. **Interdisciplinaridade: história, teoria e pesquisa**. Campinas: Papirus, 2011.

FAZENDA, Ivani Catarina. **Interdisciplinaridade: história, teoria e pesquisa**. Campinas: Papirus, 2011.

FERNANDES, Célia Regina Delácio. **Leitura, literatura infantojuvenil e educação**. Londrina: EDUEL, 2007.

- FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler em três artigos que se completam.** 23^a Ed. São Paulo: Cortez, 1989.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa.** São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- GARCIA, Edson Gabriel (Org.). **Prazer em ler: registros esparços da emoção do caminhante nas lidas com a mediação da leitura.** Instituto C&a, 2007.
- GOLEMAN, Daniel. **Inteligência emocional.** Rio de Janeiro: Objetiva, 1995.
- JAPIASSU, Hilton. **Interdisciplinaridade e patologia do saber.** Rio de Janeiro: Imago, 1976.
- KLEIMAN, Angela B. **Modelos de letramento e as práticas de alfabetização na escola.** In: KLEIMAN, Angela B. (Org.). Os significados do letramento. Campinas, S.P.: Mercado de Letras, 2012.
- KLEIMAN, Ângela B. **Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita.** 2 ed. Campinas, SP: Mercado de Letras, 1995.
- LE GOFF, Jacques. **História e Memória.** Campinas: Unicamp, 1992.
- LÉVY, Pierre. **Cibercultura.** São Paulo: Editora 34, 1999.
- MARTINS, M. H. **O que é leitura.** 12 ed. São Paulo: Brasiliense, 1990.
- MORAN, José Manuel. **Novas tecnologias e mediação pedagógica.** Campinas: Papirus, 2013.
- NÓVOA, António. **Os professores e sua formação.** Lisboa: Dom Quixote, 1995.
- MELO, Fernanda de. **A literatura infantil como recurso no processo de ensino-aprendizagem da leitura.** Repositório Institucional da Universidade Federal de Rondônia. Ariquemes, 2016. Disponível em:
<http://www.ri.unir.br/jspui/handle/123456789/1119>. Acesso em: 07 nov. 2021.
- SANDRONI, Laura. De Lobato à década de 1970. In: SERRA, Elizabeth D'Angelo (org.). **30 anos de literatura para crianças e jovens: algumas leituras.** Campinas: Mercado de Letras / Associação de Leitura do Brasil, 1998.
- ROCHA, Ruth. **Marcelo, Marmelo e Martelo.** 1. ed. São Paulo: Moderna, 1981.
- ROCHA, Ruth. **Marcelo, Marmelo, Martelo e outras histórias.** São Paulo: Salamandra, 1977.
- ROCHA, Ruth. **Marcelo, Marmelo, Martelo.** 45. ed. São Paulo: Salamandra, 2014.
- SANTOS, F. dos; Agentes de leitura. In: SANTOS, Fabiano dos; NETO, José Castilho Marques; RÖSING, Tânia M. K. (orgs.). **Mediação de Leitura. Discussões e alternativas para formação de leitores.** São Paulo: Global, 2009.

SOARES, Magda Becker. Letramento: **Um tema em três gêneros**. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2012.

SILVA, Geraldine Thomas da. **Interação entre leitura e escrita: o impacto dos hábitos de leitura e da mediação em leitura na escrita de alunos do Ensino Médio**. Biblioteca Digital de Teses e Dissertações da PUCRS. Porto Alegre, 2015. Disponível em: <http://tede2.pucrs.br/tede2/handle/tede/2211>. Acesso em: 07 nov. 2021.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. **Gramática e Interação**. 8. ed. São Paulo: Cortez, 2009

PASCHOAL, Sônia Barreto de Novaes. **Mediação cultura dialógica com crianças e adolescentes: oficinas de leitura e singularidade**. Orientação Prof. Dr. Edmir Perrotti. São Paulo: ECA/USP, 2009.

ZILBERMAN, R. **A literatura infantil na escola**. São Paulo: Global, 2003. Disponível em: < <https://books.google.com.br/books?hl=ptBR&lr=&id=dqhcBAAAQBAJ&oi=fnd&pg=PT2&dq=a+import%C3%A2ncia+de+textos+literarios+na+educa%C3%A7%C3%A3o+infantil&ots=nzNQDkqRvp&sig=JXDwi dbw7DUADI9sbH5X2tlxPCs#v=onepage&q&f=false>>. Acesso em: 15 jul. 2020.

YGOTSKY, Lev S. **A formação social da mente**. 7. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

ZILBERMAN, Regina. **A leitura e o ensino da literatura**. 10. ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 2005.

ZILBERMAN, Regina. **Literatura infantil: autoritarismo e emancipação**. São Paulo: Ática, 2003.